

NOTÍCIAS

NARIZ E FÁTIMA

PUBLICAÇÃO MENSAL

ANO II — N.º 14

MAIO — 1968

AVENÇA

REDACÇÃO:

Paróquia de Nossa Senhora de Fátima
PÓVOA DO VALADO

Director, Editor e Administrador:
P. Artur Tavares de Almeida

Composto e impresso nas Oficinas da
Gráfica do Vouga — AVEIRO

Uma oferta de 140 mil escudos para a Igreja de Nariz

E' com a mais viva alegria que anunciamos aos nossos ausentes que chegaram a bom termo as negociações para a aquisição da casa do sr. Cunha para largo da Igreja. Será, sem dúvida, um dos maiores melhoramentos realizados em Nariz nos últimos tempos.

E ele ficar-se-á devendo à Câmara Municipal de Aveiro, à Junta de Freguesia e ao Grande benemérito sr. João Simões Cunha, que num gesto que muito os dignifica, tornaram possível tal melhoramento.

Por sua parte, o sr. Cunha ofereceu para as obras da Igreja o produto dessa venda, ou seja 140.000\$00. A escritura será feita dentro de pouco tempo.

Não podemos deixar de exaltar a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia pela nobre atitude que tomaram. Cremos que também é servir o público.

Não podemos, igualmente, esquecer, nunca a geração presente, nem as vindouras esquecerão a bela lição dada pela família Cunha. São, infelizmente, exemplos raros, nestes tempos que correm, mas consoladores.

Desejariamos que este exemplo de amor e generosidade, fosse luz que alumiasse todos os que estão em casa e não candeia de baixo do alqueire.

Se a generosidade é a medida do amor, cremos bem que aqui andou amor grande em coração grande.

E se o Senhor que tudo conhece, e de quem tudo depende, prometeu não esquecer um copo de água dado em seu nome, certamente, não esquecerá também

esta oferta para a sua casa. Ela não foi um óbulo de viúva, mas a demonstração evidente de que as palavras de Jesus «é mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus» nem sempre se aplicam a todos os ricos. Felizes as freguesias que ainda possuem destes valores.

Notícias de Nariz e Fátima, levantandobem alto o guião da procissão, sinal de que ela já saiu para a rua, num frémito de incontida e agradecida alegria diz: Bem haja a Câmara Municipal de Avei-

Será uma realidade o largo fronteiro à Igreja



ro; bem haja a Junta de Freguesia; bem haja a Ex.^{ma} Família Cunha.

Narienses, unamo-nos to-

dos por uma freguesia melhor e mais cristã.

Vancouver (Canadá), 27-4-68.

Por terras do Canadá

SAÍDO de Lisboa, cheguei ao aeroporto de New-York, em cuja enormidade me teria perdido, como gota de água no meio do oceano, se não fora o meu companheiro de viagem, sr. Alvaro, de Nariz, que como o outro ia agarrado à minha batina.

Depois de 14 h. de viagem, viagem que foi um baptismo, cheguei finalmente ao destino. No dia seguinte, de manhã, foi ao Hospital Geral de

Vancouver visitar o meu amigo Ferreira, de Nariz, que se encontra bem. Foi uma surpresa, pois não esperava por mim. Ali mesmo, em cima duma pequena mesa lhe proporcionei uma hora portuguesa de boa música, várias canções, entre elas a do emigrante, e uma saudação do sr. Bispo de Aveiro aos emigrantes de Nariz e Fátima, que por inesperada, foi religiosamente escutada. E' que longe da Pátria estas coisas sabo-

reiam-se melhor.

De tarde meu irmão levou-me ao Padre Aquilino, Reitor da Missão Portuguesa de Nossa Senhora de Fátima. E' um padre brasileiro muito estimado, trabalhador, piedoso, verdadeiramente apaixonado pelos problemas dos emigrantes, que são os mesmos um pouco por toda a parte.

Um dos maiores problemas que tem à sua frente é a construção da igreja da Missão Portuguesa de Nossa Senhora de Fátima, de Vancouver. Há muitos anos que se iniciaram as campanhas, mas todas cai-

CONT. NA QUARTA PAGINA

S. Pedro de Nariz

Breves apontamentos sobre a sua história e a origem das suas populações

por **Manuel Simões Alberto**

A história de qualquer agregado humano deve ser sempre enquadrada na história dos agregados que o rodeiam. Só assim se poderão compreender alguns fenómenos de carácter social observados nesses agregados. E isto compreende-se igualmente pelo facto de qualquer povoamento humano se achar intimamente ligado à região em que se situa.

Logo, a freguesia de NARIZ, que desde os seus primórdios fez sempre parte integrante do concelho e comarca de Aveiro, e, com vários interregnos, do bispado do mesmo nome, não pode, historicamente, isolar-se do conjunto formado pelo concelho a que pertence e pelos concelhos vizinhos, portanto isolar-se duma região geográfica bem definida, uma vez que o alastramento inicial das populações desta área se processou com iguais características, e foi proveniente de povos da mesma origem.

Temos portanto que começar estes modestos apontamentos históricos pelo povoamento inicial da região de Aveiro e seus subúrbios actuais.

★

Até onde nos podemos hoje apoiar em dados concretos fornecidos por estudos arqueológicos e de investigação antropológica, sabemos que AVEIRO, situada junto a um emaranhado muito complexo actualmente de esteiros e canais de água salgada, como todas as «póvoas» marítimas da sua região, espalhadas pelo antigo estuário do rio Vouga, que de início se chamou Vacua, parece ter sido fundado por uma das tribos dos povos Velões, que era um dos ramos do povo Lusitano, denominado os Transcodanos; isto uns séculos depois de se ter dado o fenómeno geológico que provocou o afundamento no Atlântico das terras ocidentais da Península Ibérica e produziu, além de outras alterações tectónicas, o levantamento dos Pirineus, fenómeno que se deve ter produzido na época de

transição do período Neolítico para a era dos metais.

Esta tribo dos Transcodanos, assim como outras tribos do povo Lusitano, tinha até então vivido em terras de Além Goa, nas margens dos Lagos Nomílticos, lagos que desapareceram com o levantamento da crosta terrestre do planáltico ibérico, e que hoje constituem as bacias dos rios de Agueda, junto à fronteira luso-espanhola, do Yeltes, do Huebra e do Tormes, na província de Salamanca, região de Castela a Velha, que nesse tempo pertencia à Lusitânia Central.

Os transcodanos eram povos lacustres que, tendo-se modificado o seu meio ecómeno habitual, procuraram fixar-se numa região onde pudessem continuar a sua vida

de povos pescadores e recolhedores de mariscos, como são todos os povos ribeirinhos. Como centro do seu novo «habitat» escolheram uma reentrância da costa, onde existia uma espécie de outeiro que se tinha levantado entre o profundo Esteiro dos Agros, (do qual só hoje resta o Canal da Fonte Nova) e o Esteiro do Alboi, que era nesse tempo prolongado por um ramal chamado o Esteiro da Pêga, que ia até à Fonte dos Amores, mas que hoje está completamente arrazado.

O local escolhido e onde se fixaram, constituía uma espécie de península, ligada às terras interiores e praticamente deserta por uma faixa de terra que se alargava para Leste, e onde hoje se situam as povoações de Vilar, Marco, Vale Diogo e Oliveirinha. E foi no seu ponto mais alto, que hoje tem uns doze metros de cota e naquele tempo devia ter cerca de cinquenta, que eles construíram o primeiro Castro Lusitano da região, precisamente no local onde hoje se encontra a estátua de José Estevão. Era ali que mais tarde vinha terminar a grande estrada

romana que, da Guarda, passando por Vizeu, Vouzela e A-dos-ferreiros, chegava a Aveiro, e que foi construída mais ou menos sobre o itinerário seguido pelos Transcodanos quando do planalto de Castela para aqui vieram.

Foi já sob a dominação romana que ao longo desta estrada se foram fixando povos da mesma origem, que mutuamente se protegiam uns aos outros, especialmente os que se acantonaram mais perto do último troço de estrada.

Durante séculos, estes povos ribeirinhos foram progredindo e aumentando, e como viviam praticamente do mar, começaram a fazer as suas excursões marítimas, fazendo o seu comércio de permuta com outros povos fixados na orla marítima da Península Ibérica. A região de Aveiro era povoada só por povos lusitanos a que já se tinham juntado alguns gregos, que ali tinham chegado por mar, vindos do Mediterrâneo pelo Estreito de Gibraltar e torneado o Algarve.

Continua no próximo número

Fátima

Dois gestos, uma lição

Não eram esperados. Há coisas que se não esperam e acontecem. Estas foram uma dessas. Uma menina da Póvoa que trás os seus pais em França recebeu 10 francos para as amêndoas da Páscoa. Ela, porém, à força de tanto ouvir o sr. Prior pedir para a Igreja resolver privar-se das amêndoas da Páscoa e comprar uma boa dúzia de tejos, que sempre são amêndoas maiores e mais duradouras. Com sua voz inocente de criança, já a despontar para a vida, disse-nos: «Sr. Prior, meus pais mandaram-me estes francos para amêndoas, mas nesta Páscoa eu não comi amêndoas. Tome-os. É a minha oferta para a nossa igreja». Ficamos comovidos. E a nossa Aurea Isabel já não saiu da casa paroquial sem amêndoas.

Outra menina de nome Helena Carvalho e Silva, recebeu um prémio de 250\$00 na quarta classe. Nesta Páscoa entendeu que o devia dar de folgar à nossa igreja.

Achamos bem e Nossa Senhora de Fátima continuará,

certamente, a protegê-la nos seus estudos. E uns bons m² de telhado serão postos na igreja com a sua oferta.

E a igreja com estas ajudas lá vai subindo. Gestos destes entusiasmos.

Cristo disse um dia: «Deixai vir a mim as criancinhas». Ele sabia bem porquê. E' que elas são inocentes. Não têm maldade. Dão-nos lições. Lições de amor e desprendimento. Se alguém um dia tentasse fazer a história desta igreja, de tudo quanto se pensou, disse e fez (e creio só Deus o poderá fazer em todos os seus pormenores) teria de interrogar não só as crianças, que como estas por ela se sacrificaram, mas as próprias pedras dos caminhos, as ervas dos campos, as aves do céu, as paredes de cada lar, descer como limpa chaminés e ouvir mesmo o testemunho das panelas na lareira, ou das cadeiras e mesas de cozinha, ir ao próprio cemitério e colar os ouvidos à terra fria dos túmulos e parar na igreja de

paredes vermelhas cor do sacrifício, do sangue.

Mesmo assim faria uma história muito incompleta, e mais incompleta ficaria se nela se não descrevesse um capítulo dedicado às crianças que nos têm dado exemplos sublimes de compreensão e desprendimento.

Fátima

Baptismos

ABRIL

7 — José Carlos Marinho dos Santos, filho de Manuel dos Santos Birrento e Maria Rosa Teixeira Marinho, residentes em Póvoa do Valado. Foram padrinhos José Teixeira e Idalina Marques Guina.

13 — Fernando Simões Marques dos Santos, filho de Manuel Marques dos Santos e Maria Elsa Simões Birrento, residentes em Póvoa do Valado. Foram padrinhos Fernando Simões Birrento e Rosa Simões Birrento.

21 — Américo Simões de Oliveira, filho de Bernardino Rodrigues de Oliveira e de Maria Simões Eugénio, residentes em Mamodeiro. Foram padrinhos Américo Moreira e Georgina de Jesus Moreira.

Nas mãos de Deus

No dia 23 de Abril faleceu em Mamodeiro a sr.^a Maria Gomes, de 73 anos de idade, natural do Carregal e filha de João Isaías e Rosa Gomes. O seu funeral realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento.

FÁTIMA

Grandes dramas judiciais

Padre Portugal de Mamodeiro
e o célebre João Brandão

João Brandão uma vez em Avô, assiste à procissão do Encontro, fazendo por tornar-se notado, batendo no metal mais claro da sua voz o nome dos amigos presentes. A' noite vai às trevas, à igreja paroquial. No templo, todo apinhado de fiéis, celebram-se as cerimónias comemorativas da Paixão e Morte do Senhor. Panos roxos velam as imagens dos Santos. A penumbra interior é quase escuridão, pois apenas ardem no altar-mor as seis velas do «Monumento».

Um pouco mais abaixo bruxuleiam as quinze velas do «Candeiro das Trevas». João Brandão entra pelo meio do povo, pedindo vénia, afagando costas íntimas, indo colocar-se no lado da Epístola, em sítio em que o vejam e junto dos maiores da vila e arredores. Terminados os actos do culto João Brandão volta à casa do amigo que o hospedara. A' noite impede o sobrinho de sair para a rua e pretende que os hóspedes do seu amigo vejam que ele não habandona a pousada.

★

É à mesma hora em que João Brandão, em Avô, em casa do amigo, impedia a saída do sobrinho à rua e obrigava os outros hóspedes a conservarem-se em sua companhia, em Várzea de Candosa, perpetuava-se mais uma cena horrível, a morte do P.^o José da Anunciação Portugal, a última tragédia daqueles tempos naquela provincia. Antes da meia noite, na vila adormecida, já não há luz a bocejar através da aresta de porta ou vidro de janela. Já não palpita na aldeia o menor rumor de vida.

É a essa mesma hora, severa e doce que da casa do Visconde de Almeida, pé ante pé, sem ruído, se abeiram três mascarados, de clavinhas debaixo dos capotes, para a representação da Tragédia.

Com ligeiro empurrão, afoitos como na certeza de que haviam sido desviados

dali os dois cães de guarda, todas as noites de sentinela ao prédio, abrem a porta do pátio, onde corre a água duma meiga fonte. Sobem a escada exterior de granito. Entram na varanda alpendrada. Agacham-se junto da porta principal, a do meio da varanda. Enquanto um dos mascarados encosta a clavina à parede e tira do bolso um trado pequeno e a grua complementar, um outro, também liberto da espingarda, põe um lampeão à altura do buraco da fechadura, indicando um quadrado com um palmo de diâmetro. O do trado assenta a grua num extremo do quadrado e entra a mover o instrumento de profuração. O

aço gira, devagarinho, cautelosamente, mordendo a madeira da porta num rangido de traça a esmoer. Os embossados que lhe fazem de acólitos, alumiam-lhe o trabalho e sondam o silêncio. Os galos dão a meia noite. Em baixo a velha fonte parece romper num choro anunciador de grandes mágoas. Aberto o primeiro buraco passa a abrir o segundo, depois o terceiro, e o sexto, ligando-os até preencher as quatro linhas regulares de sinais gravados junto da fechadura. Em seguida com uma lâmina afiada, acaba de os ligar, arranca da porta um quadrado de madeira, deixando aberto um postigo por onde introduz a mão, e desanda a chave e levanta a tranca de ferro, tudo com menos ruído do que o da grua a girar. A um leve contacto, a porta afasta um dos batentes dando passagem aos mascarados para o interior do prédio adormecido.

de lágrimas nos olhos

Mãe!
A teus pés, aqui,
De lágrimas nos olhos,
Eu fito os teus olhos.
Desce teu olhar meigamente
Sobre este que ainda é teu filho
E perdoa;
A paixão cegou-me
E eu pequei.

Mas agora, Mãe,
Entre as tuas mãos
Deponho o meu coração.
Recebe-o.
Bem sei que é nojento,
Horrível de podridão,
Duro como um calhau...
Mas tu, Mãe,
Torna-o mole,
Limpa-lhe a podridão.

Mãe!
Sujas as tuas mãos,
Mas não as manches.
Lava-o, Mãe, lava-o.
Deixa o meu coração puro
Como o ar dos altos lugares.

Junta, Mãe,
Bocados dum coração partido,
Dum coração repartido...

Mãe!
Se é preciso cortar,
Corta, sem medo.
Aproveita tudo o que puderes.
Lava, limpa, corta,
Depois... fica com ele.

Belarmino Nunes

A Mensagem de
Fátima e a Fé

A coincidência do 50.^o aniversário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima com a comemoração do Ano da Fé leva-nos a reflectir na relação da mensagem da Mãe do Céu aos pastores com as exigências da Fé que dizemos professar.

Por vezes, associam-se a Fátima apenas motivos sentimentais. O ambiente de fé que se respira na Cova da Iria, sobretudo nos dias 12 e 13 de cada mês, torna-se quente, comunicativo e contagiante. Em Fátima não custa rezar, nem confessar-se, nem comungar. Há crentes, pouco fervorosos, que no Santuário se ajoelham sem dificuldade aos pés do confessor, rezam sem esforço um terço ou um rosário, pegam numa vela sem respeito humanos, fazem penitência sem lamúrias nem queixumes, mas regressam a casa como partiram, porque só foram atingidos na sensibilidade e não na inteligência nem na vontade.

Todavia a mensagem de Fátima é acima de tudo uma mensagem de Fé na existência de um Deus pessoal, vivo, justo e providente; na aceitação de um Cristo real e presente aos homens de todos os tempos, e de uma Igreja visível, com um Papa, Bispos, sacerdotes e leigos; na proclamação de um credo, em que se resumem as verdades reveladas por Deus; na universalidade de uma doutrina moral que, pelo menos nos problemas fundamentais, é igual para todos os crentes e até, em grande parte, para todos os homens.

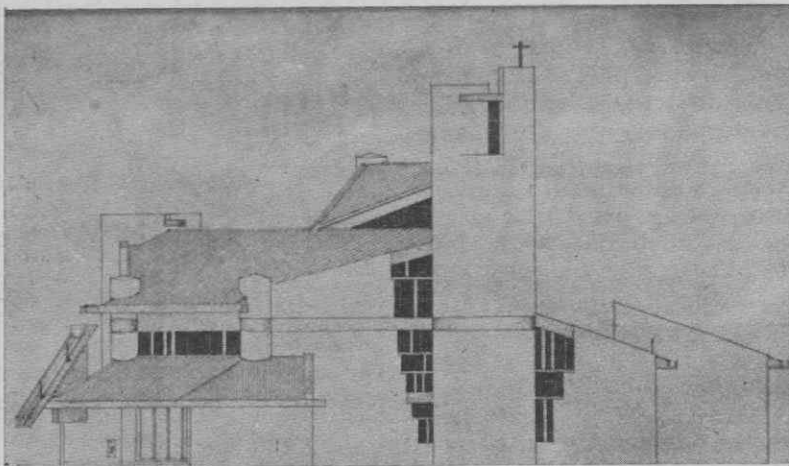
Devemos aproveitar esta dupla comemoração e a circunstância de estarmos no mês de Maio, consagrado a Nossa Senhora, para reavivarmos a nossa fé à luz imaculada da Sagrada Escritura e da tradição original da Igreja, e para darmos um testemunho de caridade fraterna e de presença activa, consciente e responsável nos problemas concretos do nosso tempo.

A penitência e a oração que Nossa Senhora pediu em Fátima, não têm sentido sem um espírito de fé à altura dos fundamentos evangélicos e dos tempos críticos que nos é dado viver.

«A tristeza
não faz bem»

Orgulho Quando Napoleão, em 1812, entrou com o seu exército em Moscovo mandou cunhar uma medalha com esta soberba inscrição:

«O céu é teu; a terra é minha».
— Enviou uma dessas medalhas a um governador russo para que se rendesse; mas ele mandou gravar ao redor da cabeça de Napoleão estas palavras: «As costas são tuas, mas o chicote é meu» — Foram como a resposta de Deus, o qual depois chicoteou severamente o orgulho de Napoleão. Pensava que era quem mandava em tudo e em todos; porém o Senhor mostrou-lhe que não era Napoleão, mas Deus quem manda na terra e no céu.



Ofertas para a Igreja de N.ª S.ª de Fátima

Ana Simões, 25\$00; Maria Vieira Carolina, 20\$00; Eduardo Lopes Picado, 150\$00; Manuel Vieira Coutinho, 150\$00; Mário Marques Dias, 50\$00; Zulmiro Augusto, 50\$00; Aurea

Isabel de Jesus Vieira, 10 francos; Anónima, Mamodeiro, 200\$00; Manuel Simões Pinheiro, soldado, da Póvoa, 40\$00; Caixas das esmolas em Março, 133\$60; Filho de Rafael Marques, Venezuela, 100 bolívares; Manuel Simões Lameiro, Póvoa, Brasil, 1000\$00; António Ferreira F. Cruz, 50\$00; Maria Marques Guina, 177\$50; Lúsa Maria Simões da Silva, 150\$00;

Esmola do Senhor em 1967, 757\$80; Prior da Oliveirinha, 500\$00; Deolinda Pimenta Leite, 20\$00; Joaquim Vieira Duarte, 500\$00; Albino Ferreira Martins Lopes, 500\$00; Manuel Marques dos Santos, 100\$00; João Simões Lopes, 500\$00; Manuel de Jesus Barreto, 50\$; Angelo Pereira Pinto, 100\$00; Maria Simões Lopes, 50\$00; Adjorme Marques de Barros, 500\$00; António Neves da Rocha, 100\$00; Guiomar Simões Macedo, 50\$00; Manuel Marques Gomes, 200\$00; Lino Simões de Sousa, 100\$00; P.º Dr. António Leonardo Pereira, Aveiro, 1.000\$00; Hortense de Barros, 150\$00; Leonel de Oliveira, 20\$00; Manuel Augusto Lopes, 40\$00; Rosa dos Santos Raimundo, 50\$00; Manuel Oliveira da Conceição, 40\$00; João António Gomes, 100\$00; Manuel Angelo, 500\$00; Fernando Lopes Silva Melo, 20\$; Júlio Teixeira, 40\$00.

A todos muito obrigado.

Por terras do Canadá

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PAGINA

ram por terra. Por aqui, como por aí, se levantam os mesmos problemas, as mesmas dificuldades, as mesmas incompreensões, os mesmos heroísmos, os mesmos sacrifícios. Agora, felizmente, as coisas parecem estar bem encaminhadas e há quase a certeza de que a igreja irá por diante. Como éramos dois, melidos nas mesmas dificuldades, consolámo-nos mutuamente. E sinto-me feliz por ter dado a minha ajuda ao P.º Aquilino, falando na Missa que me permitiu celebrar na Missão Portuguesa sob a construção da igreja de Nossa Senhora de Fátima na cidade de Vancouver. Foi um pobre a ajudar outro pobre. Ao entrar na Igreja, emprestando à Missão portuguesa naquela hora, deparei com uma bela imagem de Nossa Senhora de Fátima. Era Portugal no Canadá.

Enquanto me paramentava, o locutor anunciou à assembleia que um padre português, o segundo que por estas distantes paragens passou nos últimos anos, ia celebrar missa em português e era pároco da freguesia de Nossa Senhora de Fátima no concelho de Aveiro. Foi o bastante para que

à saída da sacristia os fiéis, a plenos pulmões, me recebessem com o «a treze de Maio». A' comunhão, cantou-se o «Hóstia Santa» e no fim da missa o «sobre os braços da azinheira».

Só quando sai da igreja me lembrei que estava no Canadá e não em Portugal.

Vancouver é uma cidade muito grande e bonita. Nela, como na maioria das cidades americanas, todas as ruas se cruzam, perpendicularmente. As casas quase todas construídas em madeira, encontram-se todas alinhadas à mesma distância da estrada e dotadas dum relvado na frente e aquecimento. Ao lado as montanhas estão cobertas de «snow».

Nos cruzamentos, fora das principais avenidas, todas muito largas, os peões têm prioridade de passagem sobre todos os veículos.

Até mesmo os cães e gatos gozam desse direito. E o pobre do condutor é obrigado a afrouxar sempre a marcha, e a parar mesmo, quando pavorosamente se aproxima da passeadeira qualquer desses transeuntes.

Nos cafés os menores não têm entrada.

As igrejas encontram-se por toda a cidade e de todas as religiões. São de madeira, mas belas e adaptadas com gosto às decisões conciliares, encontrando-se resolvido o problema das mães que levam os filhos pequenos à missa. Na véspera da partida, fui recebido por uns simpáticos algarvios. Foram horas muito alegres e espiritualmente reconfortantes.

No aeroporto de Vancouver um pequeno engano no bilhete, no n.º do avião, ia-me deixando em terra. Mas tudo foi solucionado a tempo. E um simpático chinês, ou lá dessas paragens, ao ter conhecimento de que era português exclamou: Portugal é muito bom. Creio que ele não sabia dizer mais nada. Quando muito, falava tanto o português como eu o inglês. Mas a um sinal seu uma muito sorridente hospedeira, toda vestida de vermelho, que me desfizera o engano no bilhete, tomou-me pelo braço e levou-me às escadas do avião. Estava safo daquela. Uma vez em Toronto, depois de voar sobre as montanhas cobertas de «snow», à saída do avião, um dos tripulantes diz: Portugal.

A estas palavras, e ainda não tinha saído a porta do avião, um empregado do aeroporto, que no topo da escada se encontrava, me pede a documentação, enfiando o seu braço no meu me conduz a uma hospedeira, que cumpri-

Amigos do Jornal

Manuel Simões Lameiro, Póvoa, Brasil, 100\$00; Leopoldina Vieira Marques, Nariz, 100\$00; Rafael Marques, Póvoa 50\$00; Celestino da Costa Dias, Nariz, Moçambique, 50\$00; Alvaro dos Santos Martins, Nariz, 50\$00.

Nariz

Baptismos

ABRIL

7 — João Paulo Estêvão Ruivo, filho de Manuel Ruivo e Maria do Carmo da Costa Estêvão, residente em Nariz. Foram padrinhos Leonildo de Almeida Vieira e Maria de Lurdes da Costa Duarte.

13 — Dina Maria Pereira da Costa, filha de José Cardoso da Costa e Cremilde Pereira Fabiano, residentes em Verba. Foram padrinhos António Cardoso da Costa e Idalete Pereira Fabiano.

21 — Ana Maria Barreto Rodrigues, filha de Américo Martins Rodrigues e Maria Fernanda Barreto Ferreira, residente em Verba. Foram padrinhos Rui Alberto de Oliveira e Maria Isabel Alberto Luizo.

Nas mãos de Deus

No dia 1 de Abril faleceu no Hospital de Santo António, do Porto, a menina Maria Armanda Vieira Silva Santos, de 11 anos de idade, filha de Albino Silva Santos e Ermelinda Ferreira Vieira, residente em Nariz.

No dia 13 de Abril faleceu no Hospital de Santa Marta, em Lisboa, o sr. Manuel Sequeira Pinhão, de 28 anos de idade, casado com Rosa Augusta da Rocha Pinhão, residente também em Nariz.

Os funerais destes nossos irmãos realizados no dia seguinte ao da sua morte tiveram um grande acompanhamento.

das as formalidades da praxe, me conduz ao respectivo avião e me indica até o próprio lugar onde me devo sentar. 10 minutos depois principiam a entrar os outros passageiros. Nunca esquecerei a gentileza canadense.

No aeroporto de North Bay tive uma recepção afectuosa. Os únicos portugueses desta cidade são os da Póvoa. Estavam todos à minha espera, menos a Diva, que nessa hora estava a trabalhar. Ainda o avião ia em andamento e eu já os tinha divisado bem como eles a mim. Em ambiente, verdadeiramente povoeiro, por aqui me demorei mais alguns dias em sã camaradagem, recordando a nossa Terra e a nossa igreja.

North Bay, 2-5-68.